sistemas móveis, o que levava o autor da comunicação a pensar que uma verdadeira «reforma do sistema monetário internacional» só se conseguirá se, em paralelo (com algum atraso já se vê), se operar uma verdadeira «reforma de mentalidades».

Numa leitura que se exige «não-inocente» desta obra, fica-se com a ideia nítida de que uma vez afastada a teoria clássica do comércio internacional e reconhecidas as dificuldades crescentes da teoria dos grandes espaços económicos no seu estádio actual em se «adaptar» aos interesses dos grandes grupos económicos internacionais, se está a assistir à reformulação do objecto teórico das «relações económicas internacionais» numa base em que o papel da «empresa multinacional» será cada vez mais acentuado.

José Manuel Rolo

VARIOS — *A Indústria da Cultura* — Lisboa, Editora Meridiano, 1971.

Autores e títulos dos textos incluídos no volume:

Umberto ECO — «Introdução»;
Daniel BELL — «Modernidade e Sociedade de Massa: variedade da experiência cultural»;
Dwight MACDONALD — «Massicultura e Medicultura»;
Edward SHILS — «A Sociedade de Massa e a sua cultura»;
Clement GREENBERG — «Vanguarda e Kitsch»;
Leo LOWENTHAL — «Perspectivas históricas da Cultura Popular»;
Paul F. LAZARSFELD e Robert K. MERTON — «Comunicação de Massa Gosto Popular e Acção Social Organizada».

Durante os anos cinquenta assiste-se nos E.U.A. a uma viva polémica sobre a chamada cultura de massa. Alguns dos ensaios contidos neste volume assinalam fases importantes dessa *polémica,* visando denunciar, sob formas diversas, quer o carácter «degenerado» da cultura de massa (apetece perguntar de que maneira se construiu a *norma* que funda o critério de degenerescência ...), quer, eventualmente, a sua «natureza mistificante». Os ensaios de Daniel BELL, Dwight MACDONALD e Clement GREENBERG são exemplos flagrantes destas atitudes.

É certo que Robert MERTON e Paul LAZARSFELD procuram um alargamento de perspectivas, referenciando, em termos de análise sociológica, a importância dos centros de poder na produção de mensagens de massa e a diversidade de «capacidades» de recepção dessas mensagens, segundo a situação social dos respectivos destinatários. Mas também neste texto está ausente — e espantaria se não estivesse — o momento teórico apto a dar conta da correlacionação possível dos níveis de significação dessa mensagens com a instância do ideológico e, *forçosamente,* com o *todo* articulado de instâncias (estruturas e práticas *de classe*), que constituem os locais lógicos de caracterização de uma formação social.

Ausente ainda em todo o livro uma análise suficientemente elaborada dos *meios* de comunicação de massa, de forma a evitar o mal-entendido que consiste em não os considerar como *aparelhos ideológico-políticos,* só porque juridicamente pertencem ao «domínio privado».

A «Introdução» de Umberto ECO constitui, entretanto, um oportuno guia de leitura dos ensaios que acima referenciámos, pelo facto de enunciar com clareza as respectivas insuficiências e, adicionalmente, chamar a atenção para a multiplicidade e importância dos objectos que eles *designam.*

Pela nossa parte, gostaríamos de considerar tais objectos como matéria-prima imprescindível de ulteriores ciclos teóricos, desde que estes se caracterizem pela utilização de meios de trabalho circunscritos em *problemática* estruturalmente diversa da que, apesar de tudo, permitiu *reconhecê-los.*

José Madureira Pinto